

ANÁLISE DE UM PROGRAMA DE ASSESSORIA VOCAL PARA O PROFESSOR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Gleydson Grangeiro de Lima (1); Paula Rayana Batista Correia (2); Maria Louize Justino Freire (3); Luyênia Kerlia Gomes Martins (4); Maria Fabiana Bonfim de Lima Silva (4)

Instituição: Trabalho realizado no Departamento de Fonoaudiologia, Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa (PB), Brasil. fbl_fono@yahoo.com.br

Resumo: Nesse relato de experiência, trazemos nossas vivências por meio do programa de assessoria vocal para professores da rede de ensino municipal da cidade de João Pessoa, na Paraíba. Tendo como maior objetivo promover saúde vocal nas escolas com foco no professor, sendo esta a categoria que mais sofre com distúrbios da voz. Participaram 32 professores, de ambos os sexos, os quais preencheram o protocolo CPV-P. Os professores foram submetidos a quatro oficinas com conteúdo teórico e prático. Dentre os resultados observados, os sintomas vocais mais relatados pelos professores é a rouquidão (62,5%), nos aspectos ambientais 78,1% relata que a escola tem ruído excessivo, 81,2% e que o estresse está presente em seu trabalho. Durante o desenvolvimento das oficinas teve-se 57,6% de assiduidade. É necessário se pensar em maneiras que possam auxiliar esses professores, pois levando em consideração que são eles os profissionais da voz que mais sofrem com os distúrbios da voz, e a multifatorialidade existente para a disfonia, deve-se então criar ambientes de debate e acolhimentos para esses profissionais, visto que toda a forma de mudança deve-se partir de um pressuposto comum a educação.

Palavras-chave: Voz, Docentes, Distúrbios da voz, Saúde do trabalhador, Promoção da saúde

Introdução

O indivíduo que utiliza a sua voz profissionalmente, ou seja, como instrumento de trabalho, é denominado de profissional da voz (BEHLAU, 2005). Dentre estes profissionais da voz encontram-se os professores, o qual apresenta risco para desenvolver distúrbio de voz devido à demanda vocal intensa, desconhecimento acerca da saúde e higiene vocal, além da presença de múltiplos fatores intercorrentes relacionados a questões organizacionais quanto ambientais de seu trabalho, o que vem obtendo atenção dos pesquisadores na área da Fonoaudiologia nos últimos anos (DRAGONE, et al. 2011; DRAGONE, et al. 2012).

A saúde vocal é considerada um aspecto importante da saúde geral e qualidade de vida do professor pois, a voz é o seu principal instrumento de trabalho e importante recurso na relação e comunicação entre professor e aluno, com implicações relevantes no processo ensino-aprendizagem e para a construção do conhecimento nas situações em que estão inseridos (CEREST/CCD, 2006; VILLAS BOAS, et al. 2012). Entretanto, quando desenvolvido um distúrbio de voz, o profissional pode estar sujeito à readaptações, licenças e afastamentos, o que ocasiona problemas pessoais, econômicos, profissionais e funcionais para a escola. (LIMA-SILVA, et al. 2012).

Com base na literatura brasileira, o professor é o profissional da voz que mais recorre a consultórios de Fonoaudiologia com a presença de distúrbios da voz, em comparação com a população em geral (BEHLAU et al. 2009). O que ressalta a necessidade do desenvolvimento de programas/ações que ofereçam orientações e intervenções educativas focadas no cuidado com a voz antes mesmo do aparecimento de algum distúrbio.

Na intervenção terapêutica, tanto na modalidade individual quanto em grupo, pode-se utilizar três tipos de abordagens distintas para a prevenção ou tratamento da voz: a direta, a indireta e a eclética. A direta é composta pelos exercícios vocais, os quais tem o foco de mudar o funcionamento vocal; a indireta está relacionada às orientações e aconselhamentos de higiene e saúde vocal; e a eclética é a combinação de ambas as abordagens (ANHAIA et al. 2013; SANTOS et al. 2015; PASA et al. 2007).

A partir dessa lógica precisa-se ser compreendido e não apenas eliminado os distúrbios vocais, visto que é necessário que nosso entendimento vá muito além do sofrimento físico e psicológico, devesse levar em consideração o desgaste decorrente da vivência das condições ambientais e do contexto de seu trabalho. (GIANINNI e PASSOS et al, 2006). Os riscos desses profissionais desenvolverem distúrbios de voz de origem ocupacional e ambiental é significativamente alto (SMITH et al. 1997; DELCOR et al. 2004; ROY et al. 2004; ARAÚJO et al. 2008), e foi nesse sentido que surgiu, no ano de 2012, o projeto de extensão no curso e departamento de Fonoaudiologia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), o Programa de Assessoria em Voz para Professores – ASSEVOX. Vale ressaltar, que este projeto tem uma parceria com a Secretaria de Educação e Cultura – SEDEC do município de João Pessoa, Paraíba.

O ASSEVOX tem como principal objetivo de proporcionar conhecimento em saúde e promover bem-estar vocal para os professores de ensino infantil, fundamental e médio da rede pública e privada de João Pessoa-PB. O projeto está fundamentado no conceito de promoção da saúde, no qual abrange ações: no nível primário que corresponde à palestras e orientações sobre os cuidados com a voz; no nível secundário, que diz respeito às triagens vocais e avaliações; e no nível terciário, o qual está relacionado ao atendimento em grupo terapêutico em voz.

O presente estudo visa, por meio de um relato de experiência, expor e analisar os achados do projeto de extensão ASSEVOX durante sua implantação em uma escola pública do ensino fundamental da cidade de João Pessoa-PB.

Metodologia

A metodologia do presente projeto de extensão foi baseada na metodologia participante e na pesquisa-ação (THIOLLENT, 2006), por conceber, na sua filosofia, o conhecimento como uma construção coletiva, que se dá efetivamente, na luta conjunta com a sociedade. O Programa de Assessoria Vocal para Professores-ASSEVOX participou do edital PROBEX da PRAC Nº 02/2017, vinculado ao quadro de extensões universitárias da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, qual teve como vigência de 15/05/2017 a dia 31/12/2017, durante esse período estivemos atuando dentro da Escola Municipal Virginius de Gama e Melo, localizada no município de João Pessoa, na Paraíba.

No presente ciclo, o ASSEVOX contava com 1 aluno bolsista e 13 alunos voluntários, os quais, conforme o edital, dedicavam de 10 a 20 horas semanais para o desenvolvimento das atividades do projeto. Durante os primeiros meses do início do ciclo 2017, foi feito contato com a escola com intuito de firmar uma parceria e poder efetivar nosso projeto que se dá por meio de quatro etapas: ações do nível primário e secundário, reflexão da equipe sobre as ações, formação teórica e ações à nível terciário.

Na primeira etapa, que compreende a ações do nível primário e secundário, os extensionistas fizeram o primeiro contato com a instituição por meio de uma reunião com os professores e a direção da escola. O objetivo principal foi apresentar os índices de distúrbios de voz que acometem o professor, motivá-los quanto à participação e importância desta ação para a saúde vocal, além disso. Ao fim da reunião, 32 professores concordaram em participar de nossa assessoria vocal e assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido – TCLE, conforme as normas da resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

Dentro ainda dessa primeira etapa foi realizada uma entrevista semiestruturada (anamnese) por meio do questionário de auto percepção vocal denominado “Condição de Produção Vocal do Professor”- CPV-P (FERREIRA et al. 2007). Além disso, foi conversado com o professor sobre os horários que se encontrava na escola para conciliar com os horários livres dos extensionistas para a realização da próxima etapa, a gravação da voz.

O CPV-P consta com uma vasta gama de perguntas que abarcam os dados pessoais, características profissionais do professor, características físicas e de organização do trabalho, e aspectos perceptivos do uso da voz. Depois de aplicado o questionário, inicia-se o momento de coleta das vozes pré-intervenção, para um análise perceptiva-auditiva. Vale ressaltar que está avaliação só será realizada no fim da nossa intervenção, para que possamos confrontar os dados encontrados, com base na coleta pré-intervenção e pós-intervenção e só assim poder ter um diagnóstico fidedigno das vozes e dando embasamento para avaliação de nossa assessoria, perante os

parâmetros vocais. Dentro das tarefas de fala realizadas para analisar a qualidade vocal, foram solicitados: a emissão da vogal sustentada /a/ e /e/, reprodução de frases e fala semi-espontânea. A gravação foi realizada com o uso de microfone do tipo *head-set*, da marca *Plantronics*, modelo 9 *GameCom PRO 1*, a uma distância de aproximadamente 15 cm da boca, acoplado a um notebook, da marca *HP Pavillion ZE 4920 CEL M330 1.4G*. As vozes foram gravadas pelo programa *Praat*, versão 6.0.36.

A segunda etapa do projeto corresponde à reflexão da equipe sobre os achados obtidos através da aplicação dos questionários CPV-P, que se dá por meio de análise estatística descritiva, a partir das variáveis contínuas: média e desvio padrão, e variáveis nominais: frequência absoluta e relativa. Quanto à gravação das vozes, estas são analisadas após a finalização do programa de assessoria, quando temos o parâmetro do pré e pós intervenção. Até o presente momento, não temos os dados dessa análise vocal, pois a nossa assessoria se encontra em andamento, exatamente na fase de coleta das vozes no pós-intervenção.

A terceira etapa do projeto compreende a formação teórica, ou seja, neste momento a equipe vai em busca da literatura científica para se basear na construção do material didático que, posteriormente, foi apresentado e discutido com os professores nas oficinas de vivência em voz.

A quarta etapa, a qual diz respeito às ações de nível terciário, foi acordado com a direção que as oficinas de vivência em voz na modalidade em grupo seriam realizadas quinzenalmente. As oficinas seguiram uma abordagem terapêutica eclética nas quatro oficinas realizadas. A abordagem indireta contemplou os seguintes conteúdos: principais causas e sintomas dos distúrbios vocais e cuidados vocais, abordamos também as diferenças entre voz normal, alterada e adaptada e doenças laríngeas que mais acomete os professores e trabalhamos a psicodinâmica vocal, expressividade verbal e não-verbal e as condições de trabalho dentro das escolas. Já os conteúdos da abordagem direta foram realizados: exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal, exercício de respiração, aquecimento e alongamento corporal e os exercícios faciais.

Vale ressaltar que na última oficina foi entregue aos professores uma cartilha de orientação vocal com os principais conteúdos abordados ao longo da intervenção. Após 30 dias de ter finalizado a intervenção, retornaremos à escola a fim de realizar a coleta das vozes pós-assessoria para que possamos ter um parâmetro tanto pré como pós-intervenção e o quanto foi eficaz nossa assessoria.

Resultados e Discussão

A extensão, hoje, articula um processo educativo, cultural e científico, ao lado do ensino e da pesquisa, gerado pelas possibilidades e pela força articuladora que está na natureza das ações nascidas das relações sociais e comunitárias (OLIVEIRA e GARCIA, 2009, p.112), sendo então à grosso modo, a extensão universitária é elo que permita a interligação entre a instituição à comunidade a qual está inserida.

[...] Extensão universitária em uma dimensão de mudança social na direção de uma sociedade mais justa e igualitária, tem, portanto, obrigatoriamente, de ser uma função de comunicação da universidade com o seu meio, possibilitando, assim, a sua realimentação face à problemática da sociedade, propiciando uma reflexão crítica e revisão permanente de suas funções de ensino e pesquisa. Deve representar, igualmente, um serviço às populações, com as quais os segmentos mais conscientes da universidade estabelecem uma relação de troca ou confrontos de saberes. (ROCHA, 1984, p.60)

Dentro das escolas, podemos de fato conhecer a realidade dos professores de ensino público, encontram-se na literatura muitas referências sobre a voz do professor com estudos que abordam o surgimento e o desenvolvimento das alterações vocais e sua possível associação com as condições de trabalho (LEMOS et al. 2005). A partir desse ensejo o ASSEVOX foi criado, tanto para prestar a assessoria vocal para professores da rede de ensino, como também para produzir dados para serem apresentados nos eventos científicos ou da própria prefeitura mostrando a relação da condição de trabalho com a prevalência de distúrbios da voz nos professores dentro da sua multifatoriedade.

Os resultados foram baseados nos dados já coletados por meio do questionário de auto percepção vocal denominado “Condição de Produção Vocal do Professor ”-CPV-P (FERREIRA et al. 2007) e das experiências das 4 oficinas de Vivência em Voz em grupo.

Dos 32 professores que participaram dessa fase, 20 são do sexo feminino e 12 do sexo masculino. A faixa etária varia entre 24 a 67 anos, com média de 42,53 e o tempo de ensino variou 1 a 39 anos, com média de 15,70.

A partir da aplicação do questionário CPV-P, pode-se perceber de forma mais ampla, as condições vocais e contexto de trabalho desses professores. É frequente nos depararmos com escolas públicas que apresentam diversas características em comum, como por exemplo: salas de aula superlotas, infra-estrutura inadequada, falta de equipamentos que deem suporte a esses professores, como caixa de som e microfone para uso em sala de aula, ambiente sem climatização, indisciplina dos alunos e fatores extraclasse, como o convívio dos pais dos alunos

(FUCCIO AMATO, 2010; BRUM, 2004) Todos esses fatores são predispostos para tornar o ambiente de trabalho desses professores estressante.

Para Jardim et al. (2007), o estresse associado ao trabalho e as condições ambientais precárias, tem gerado maior prevalência de distúrbios da voz no professor, mostrando a importante relação entre emoção, voz e estresse.

Tabela 1 – Distribuição da amostra estudada de acordo com fatores predispostos para o estresse. João Pessoa, PB. 2018.

Fatores predispostos para estresse	Sim	
	N	%
Ambiente de trabalho é estressante	23	71,9
Você leva trabalho para casa?	21	65,6
A escola é ruidosa?	25	78,1
O estresse está presente em seu trabalho?	26	81,2
Há depredações na escola?	20	62,5
Indisciplina em sala de aula	32	100
Problemas emocionais	18	56,3

Fonte: própria

Na tabela 1, estão descritas as informações sobre os fatores que geram riscos para o aparecimento de distúrbios da voz no professor, por influência do estresse, indisciplina em sala de aula, ruídos e até mesmo das depredações.

A ênfase nas habilidades e competências individuais do docente e suas repercussões sobre os projetos educacionais leva em consideração as condições de trabalho existentes onde o mal-estar docente pode ser explicado pela presença de obstáculos relacionados ao volume de trabalho e à precariedade das condições existentes, mas também às altas demandas no trabalho, incluindo as demandas emocionais, junto a uma expectativa social de excelência, cujo limite é exigir do professor uma atuação capaz de reverter a situação na qual se encontra (ASSUNÇÃO, 2008).

Vale destacar que, alguns fatores que são predispostos ao aparecimento do estresse, consequentemente, pode ser um dos elementos para um quadro de rouquidão, o que equivale a uma multifatoriedade. Sintomatologia clássica de uma disfonia (BEHLAU, et al. 2009). Em estudo desenvolvido por (CEDIEL, NEIRA, 2014; ORTIZ, LIMA e COSTA, 2004), destacam a disfonia como qualquer dificuldade na emissão vocal em que uma ou mais características acústicas da voz apresenta-se alterada, em semelhança ao timbre ou intensidade. Tal patologia proporciona um problema de relevância social, econômica e profissional, tornando a expressão

oral mais exaustiva e, como consequência, desencadeia reflexos significantes na comunicação social e atividade profissional.

Em relação à presença de sintomas vocais mais referidos entre os professores, a rouquidão foi a mais predominante. O aparecimento de alguma alteração na emissão vocal, pode interferir na transmissão da mensagem verbal e/ou emocional do discurso, e no professor, esta qualidade vocal pode interferir negativamente no processo ensino-aprendizagem (PROVENZANO, et al. 2009; SERVILHA e COSTA, 2015).

Tabela 2 - Distribuição da amostra estudada de acordo com a presença de rouquidão. João Pessoa, PB. 2018.

Rouquidão	N	%
Sim	20	62,5
Não	12	37,5
		100

Fonte: própria

Vale lembrar, ainda que estudos apontem relação entre distúrbios vocais e fatores psicoemocionais, não é possível estabelecer relação causal entre o adoecimento vocal e o trabalho docente, porque, assim como outras doenças funcionais contemporâneas, o distúrbio de voz tem, por característica, a causalidade difusa e complexa, não objetiva e linear. (GIANNINI, et al. 2012).

Ao desenvolver cada oficina, foi pensando em uma maneira de abarcar toda a questão de fatores ambientes e organizacionais conforme os dados encontrados no CPV-P e da nossa vivência dentro da escola.

Na primeira oficina vocal, foi trabalhado os conteúdos de abordagem indireta e direta, sendo estes: princípios básicos de anatomia e fisiologia do sistema fonatório e respiratório; principais causas e sintomas dos distúrbios vocais; cuidados vocais e exercícios de respiração, a qual contou com a participação de 26 professores. Na segunda oficina, no primeiro momento, foi trabalhado de forma indireta as funções do aquecimento e desaquecimento vocal; importância da projeção vocal, articulação, ressonância e postura em sala de aula e diretamente os exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal; exercícios de alongamento cervical e corporal, e contamos com a participação de 14 professores. Já na terceira, a parte indireta trouxe as diferenças entre voz normal, alterada e adaptada; ruído e estratégias em sala de aula; doenças laríngeas que mais acomete o professor e a direta os exercícios faciais, e o total de 19 professores participaram desta oficina. Na 4ª e última oficina, foram abordadas indiretamente psicodinâmica vocal, expressividade verbal e não

verbal; condições de trabalho e alongamento cervical/corporal; exercícios de aquecimento e desaquecimento vocal na parte direta, e nesta oficina 13 professores participaram.

Tabela 3 – Distribuição da amostra estudada de acordo com a adesão dos professores nas oficinas. João Pessoa, PB. 2018.

Participação nas oficinas	N	%
Oficina 1	26	81,3
Oficina 2	14	43,8
Oficina 3	19	59,4
Oficina 4	13	40,6

Fonte: própria

De acordo com a Tabela 2, tivemos aceitação em média de 57,6% dos professores durante a fase das oficinas, o que nos faz pensar sobre como podemos de fato atingir a grande parte desses profissionais. Observa-se tal evasão desses docentes, devido à incompatibilidade de horário, falta de motivação e tempo disponível na escola para a realização das oficinas. Dificuldades semelhantes foram encontradas no estudo de Xavier et al. (2013) que tiveram dificuldade em atingir maior adesão dos professores, pelo fato destes relatarem que não tinham tempo para se inserir na intervenção, visto que a maioria trabalhava em mais de uma instituição e ainda tem família e filhos, o que gera uma outra jornada de trabalho.

A intervenção em grupo possibilita um novo jeito de olhar o próprio sujeito e de como olhar o outro, devido à diversidade de experiência e conhecimentos compartilhados nas sessões, diminuindo o isolamento, o peso e ansiedade criada pela patologia em torno do sujeito e de sua família (RIBEIRO et al. 2011). Com base nessa óptica foi construída a intervenção de nossa assessoria em grupo, com os professores participantes, visto que os encontros aconteceram em dias que tivessem reunião de planejamento pedagógico ou em dias pré acordado entre ambas as partes.

Dentro desse questionamento, fica a sugestão de alternativas para uma maior adesão nas intervenções em saúde vocal, como por exemplo por meio do Ensino à Distância (EaD), o qual os professores podem participar de oficinas *on-line* e assistirem aulas, vídeos, ler textos e realizar atividades em suas próprias casas, sem interferir em suas atividades profissionais, como foi desenvolvido pelo estudo de Pompeu et al. (2016).

De modo geral, a nosso programa de assessoria vocal promoveu tanto uma aprendizagem para nós discentes, no sentido de poder vivenciar experiências fora da sala de

aula, bem como para os professores, os quais tiveram a oportunidade de obter conhecimentos suficientes para promoverem o autocuidado com a voz.

Se faz necessários mais programas como esse nas graduações de fonoaudiologia, para que possamos ter cada vez mais profissionais mais humanos e holísticos.

Conclusão

O grupo de vivência em voz, proporcionado pelo projeto de extensão ASSEVOX, ressalta a necessidade de mais ações que visem sensibilizar e oferecer conhecimento em saúde vocal para os professores, visto que, pode-se verificar de perto a realidade em que estes estão inseridos, bem como os fatores que influenciam para o seu adoecimento vocal dentro do seu próprio ambiente de trabalho. A experiência indica possíveis formas de se aproximar dos professores dentro das escolas, e além de tudo, afirma a importância do profissional Fonoaudiólogo na promoção e prevenção da saúde vocal. Além disso, programas como o ASSEVOX, colabora e fortalece o conhecimento dos alunos como futuros profissionais, capazes de refletir sobre o processo saúde-doença em que o professor brasileiro está exposto.

Referências

- Assunção AA. Saúde e mal-estar do (a) trabalhador (a) docente. In: Anales del VII Seminario Redestrado – Nuevas Regulaciones en América Latina. Buenos Aires: **Agencia Nacional de Promoción Científica y Tecnología**; 2008. p. 1-20.
- ARAÚJO, T. M.; et al. Fatores associados a alterações vocais em professoras. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 6, p. 1229-38, jun. 2008.
- ANHAIA, T. C.; KLAHR, P. S.; CASSOL, M. Associação entre o tempo de magistério e a autoavaliação vocal em professores universitários: Estudo observacional transversal. *Revista CEFAC*, São Paulo Jan./Feb., v. 17, n. 1, p. 52-57, 2015.
- ANHAIA, T.C; GURGEL, L.G; VIEIRA, R.H; CASSOL M. Intervenções vocais diretas e indiretas em professores: revisão sistemática da literatura. *ACR*. v. 18, n. 4, p. 363-8, 2013.
- BEHLAU, M; ZAMBON, F; GUERRIERI, A. C; ROY, N. **Panorama epidemiológico sobre a voz do professor no Brasil. Anais do 17º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia.** Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia. Disponível em: <http://www.sbfa.org.br/portal/anais2009/anais_select.php?op=PR&cid=1511&tid=1> . Acesso em 10/01/2018

BEHLAU, M. et al. Voz profissional: Aspectos gerais e atuação fonoaudiológica. In: BEHLAU, M. (Org.). **Voz: o livro do especialista**, Vol. 2. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. Cap. 2, p. 287-372.

BEHLAU, Mara; OLIVEIRA, Gisele. Recomendação da Academia Americana de Otorrinolaringologia - Fundação de Cirurgia de Cabeça e Pescoço (AAO-HNSF) sobre "rouquidão" (disfonia). **Rev. soc. bras. fonoaudiol.** São Paulo, v. 14, n. 4, p. 565-567, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342009000400023&lng=en&nrm=iso>. acesso em 21 de maio de 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342009000400023>.

BRUM, D. M. **A voz do professor merece cuidados**. Revista Textual, Porto Alegre, v.1, n. 4, 2004. Disponível em: <<http://www.saudeetrabalho.com.br/download/voz-do-professor.pdf>>. Acesso em: 06 de maio. 2018.

CASSELLA, J. G. C; AFONSO, M. L. M. Qualidade de vida docente: relação entre alterações psicoemocionais e disfonias. **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 20, n. 43, p. 168-182, jan./abr. 2018.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM SAÚDE DO TRABALHADOR. Coordenadoria de Controle de Doenças.(CEREST/CCD). Distúrbios de voz relacionados ao trabalho. **Bol Epidemiol Paul.** v. 3, n. 26, p. 16-22, 2006.

DRAGONE, S. O. L. M; GIANNINI, P. P. S; DITSCHNEINER, S. E; ANDRADE, R. M. B; FERREIRA, P. L. **A voz do professor**. Disponível em: http://www.pucsp.br/laborvox/dicas_pesquisa/downloads/outras-referencias-de-auxilio/voz-professor.pdf. Acesso em: 10/ janeiro /2018.

DRAGONE, S. O. L. M. Programa de saúde vocal para educadores: ações e resultados. **Revista CEFAC.** v. 13, n. 6, p. 1133-1143, 2011.

DEJONCKERE, P.; REMACLE, M.; FREZNEL- ELBAZ. Reliability and relevance of differentiated perceptual evaluation of pathological voice quality. In: Clemente MP. Voice Update. Amsterdam: **Elsevier**, p. 321-4, 1996.

DELCOR, N. S.; et al. Condições de trabalho e saúde dos professores da rede particular de ensino de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 187-96, jan./fev.2004.

FABRÍCIO, M. Z.; KASAMA, S. T.; MARTINEZ, E. Z. Qualidade de vida relacionada à voz de professores universitários. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 183-08, 2010.

FERREIRA, L. P, GIANNINI S, P. P, LATORRE, M. R. D. O, ZENARI, M. S. Distúrbio de voz

relacionado ao trabalho: proposta de um instrumento para avaliação de professores. **Distúrbios da Comunicação**. v. 19, n. 1, p. 127-136, 2007.

FUCCI AMATO, R. C. Voz profissional. In: Manual de saúde vocal: teoria e prática da voz falada para professores e comunicadores. São Paulo: **Atlas**, 2010. Cap. [1](#), p. 7-31.

GIANNINI, S. P. P; PASSOS, C. M. Histórias que fazem sentidos: as determinações das alterações vocais do professor. **Distúrbios da Comunicação**. v. 18, n. 2, p. 245-257, 2006.

HIRANO, M. Clinical examination of voice. New York: **Springer-Verlag Wien**, 1981.

JARDIM, R; BARRETO, S. M; ASSUNÇÃO, A. A. Condições de trabalho, qualidade de vida e Disfonia entre docentes. **SciELO- Scientific Eletronic Library Online**, Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-311X2007001000019#ModalArticles. Acesso em: 20/05/2018.

LIMA-SILVA, B. F. M; FERREIRA, P. L; OLIVEIRA, B. I; SILVA, A. A. M; GHIRARDI, M. A. C. A. Distúrbio de voz em professores: autorreferência, avaliação perceptiva da voz e das pregas vocais. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. v. 17, n.4, p. 391-7, 2012.

OLIVEIRA, T. M. N. de. ; GARCIA, B. R. Z. A extensão e o seu papel na formação acadêmica. In: **Revista Univali**. Itajaí: Editora da UNIVALI, v.14, n.1, p.111- 117, jun./2009.

PASA, G.; OATES, J.; DACAKIS, G. *The relative effectiveness of vocal hygiene training and vocal function exercises in preventing voice disorders in primary school teachers*. **Logoped Phoniatr Vocol**. v.32, n. 3, p. 128-40, 2007.

PROPEZANO, L. C. F; SAMPAIO, T. M. M. Prevalência de disfonia em professores do ensino público estadual afastados de sala de aula. **Rev. CEFAC**. Jan-Fev; v.12, n.1, p.97-108, 2010

RIBEIRO, V. V; PANHOCA, I; DASSIE-LEITE, P. A; BAGAROLLO, M. F. Grupo terapêutico em fonoaudiologia: revisão de literatura. **Revista CEFAC**, São Paulo. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2011nahead/53-11.pdf> . Acesso em: 20/05/2018.

Rocha, G. M. R. Extensão universitária: comunicação ou domesticação. **Revista Educação em debate**, Fortaleza, v: 6/7, n. 2/1, p. 53-60, Julhos/Dezembro, 1983.

ROY, N; et al. Prevalência de distúrbios da voz em professores e na população em geral. **Pesquisa de Linguagem, Linguagem e Audição, Rockville**, v. 47, n. 2, p. 281-93, abril de 2004.

SANTOS, A.C.M.; BORREGO, M.C.M.; BHELAU, M. Efeito do treinamento vocal direto e indireto em estudantes de Fonoaudiologia. **CoDAS**. v. 27, n. 4, p. 384-91, 2015.

SERVILHA, E. A. M.; COSTA, A. T. F. Conhecimento vocal e a importância da voz como recurso pedagógico na perspectiva de professores universitários. **Revista CEFAC**, São Paulo Jan./Fev., v. 17, n. 1, p. 13-26, 2015.

SMITH, E. ; et al. Frequência e efeitos dos problemas de voz dos professores. **Journal of Voice, Nova York**, v. 11, n. 1, p. 81-7, Mar. 1997.

THIOLLENT, M. A inserção da pesquisa-ação no contexto da extensão universitária. In: Brandão, Carlos Rodrigues; Streck, Danilo Romeu (Orgs). Pesquisa Participativa: o saber compartilhado. São Paulo: **Idéias e Letras**, 2006.

VILLAS BOAS, D. C; Ferreira, L. P; Viola, I. C. Professor especializado na área da deficiência visual: os sentidos da voz. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**. v. 17, n. 1, p. 92-100, 2012.

XAVIER, I. A. L. N; SANTOS, A. C. O; SILVA, D. M. Saúde vocal do professor: intervenção fonoaudiológica na atenção primária à saúde. **Revista Cefac**, v.15 n.4 p. 976-985, Jul-Ago, 2013.